



## O MISTICISMO EM BERGSON COMO DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Rita Célia Magalhães Torreão<sup>1</sup>  
Dante Augusto Galeffi<sup>2</sup>

**RESUMO:** A ideia de misticismo nesse artigo não é tratada à maneira do intelectualismo, como uma figura geométrica, um conceito espacial, mas de forma confessional. Tentamos exprimir sentimentos e testemunhar ações e acontecimentos do fenômeno místico e suas relações com a Educação e das vivências na pós-graduação FACED-UFBA. Partindo da tese de que o pensamento é o movente, nosso esforço de compreensão leva-nos a ousar afirmar que foi a Ideia de Evolução Criadora que arrastou Bergson para o estudo do misticismo, estudo que ele realiza em sua última obra, *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Traçamos um paralelo com nossa experiência e percurso que vai da idéia de uma Pedagogia da Duração ao Misticismo como Difusão do Conhecimento. Para nosso entendimento, o Misticismo é uma ação evolutiva e pelo menos em nosso laboratório, que é a personalidade da própria vida, constatamos a evolução criadora que vai da Educação à Difusão do Conhecimento, que se não for a única, se realizou em nós como tendência forte e se confirma na UFBA a cada dia. Entendemos a Intuição como método investigativo, exploramos suas possibilidades epistemológicas e destacamos o acontecimento místico como um fato intuitivo e um transbordamento intuitivo do *elã vital*.

**Palavras-chave:** filosofia, misticismo, conhecimento.

## MYSTICISM IN THE DISSEMINATION OF KNOWLEDGE AS BERGSON

**ABSTRACT:** In this article the idea of mysticism is not treated in the way of intellectualism as a geometric figure, a spatial concept, but in a confessional way. We try to express feelings and to witness actions and events of mystical phenomenon and its relationship with education, and to witness experiences at the Graduate Program at FACED-UFBA. Starting from the thesis that thought is the moving, our effort of understanding leads us to dare to say that it was the idea of Creative Evolution that trailed Bergson for the study of mysticism. He performs this study in his last work "The Two Sources of Morality and Religion". We draw a parallel with our experience and journey that goes from the idea of a Pedagogy of Duration to the Mysticism as Diffusion of Knowledge. According to our understanding, mysticism is an evolutionary action. At least at our laboratory, which is the personhood of life itself, we find the creative evolution from Education to the Diffusion of Knowledge. If it is not unique, it was accomplished in us as a strong trend that confirms itself every day at UFBA. We understand Intuition as an investigative method, we explore its epistemological possibilities, and we highlight the mystical event as an intuitive fact and an intuitive overflow of the *elan vital*.

**Keywords:** philosophy, mysticism, knowledge

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Filosofia da UESC. Pós doutoranda em Difusão do Conhecimento – UFBA. Integrante do Grupo de Pesquisa Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica (UFBA). E-mail: ritacelia2007@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Educação UFBA. Coordenador do Doutorado em Difusão do Conhecimento (DMMDC/UFBA-UNEB-IFBA-UEFS). Coordenador do Grupo de Pesquisa Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica. E-mail: dgaleffi@uol.com.br



Henri Bergson foi um dos maiores críticos do intelectualismo. O intelectualismo é árido, é feito de pobres homens guilhotinados com a cabeça enfiada em estacas sem corpo. Por isso, este artigo não é uma análise intelectualista do conceito de misticismo, mas sim do misticismo como uma ação. Ele, o artigo, é confessional trata do testemunho de uma aprendizagem de filosofar e ensinar a filosofar e de caminhadas entre estacas desviada da avalanche intelectualista.

Bergson, em sua última obra, *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, mostra essas duas fontes sendo: a obrigação e a aspiração. Em uma, há pressão e constrangimento social, que produz a moral fechada e a religião estática, e na outra há imitação, que produz a moral aberta e a religião dinâmica; daí ele chegou a ideia de misticismo. Por outra via, a da educação, em suas duas formas; o adestramento e a imitação e por um questionamento de Dante Galeffi: Como se intui? Ou, é possível ensinar a intuição? Por este caminho também chegamos ao misticismo.

Na pergunta ‘como ensinar a intuir’ há uma distinção profunda entre os dois conceitos, uma diferença de natureza. Ensinar implica aprender e intuir é antes encontrar. Ensinar é um trabalho da inteligência e intuir é um instinto desinteressado, embora sejam cúmplices antagônicos e contemporâneos, trabalham em tempos desiguais sendo impossível de mensuração.

Assim, intuir é difícil de ensinar e mais difícil ainda de aprender, mesmo seguindo as regras do método, só não é impossível, pois todos podem intuir. A forma espontânea de intuir é o místico e se chega a ela por uma avalanche.

Conforme Vieillard (1999, p. 93) comentando a crítica de Julien Brenda ao conceito de intuição, “O conceito de intuição é pleno de equívocos; ele mistura um sentido legítimo, o de conhecimento intuitivo complementar do esforço intelectual, e um sentido divagante e nocivo, o do conhecimento da vida por si mesma”. Segundo Baron essa crítica é sem valor filosófico.

Por isso é que escolhemos falar da beira de rio, lugar lamacento onde o escorregadio é a constância com o intuito de difundir o conhecimento da intuição que foi mal compreendido e até enfraquecido, quando de fato, poderia beneficiar e libertar o pensamento das amarras do cientificismo.



Bergson foi atingido por severos críticos, tais como: Gaston Bachelard, Merleau-Ponty, Julien Brenda, Jacques Maritain sendo que este rejeita o conceito de intuição bergsoniano como unidade do querer e do saber como supra intelectual e defende como infra-intelectual, bem como faz crítica ao conceito de duração em nome da substancialidade do ser, principalmente na comparação bergsoniana da percepção da duração através da observação do nosso interior como puro existir. Maritain diz que Bergson renegou o ser em nome da mudança e sacrificou o ser e a inteligência, sem edificar o seu pensamento na luz de Deus, mesmo rejeitando o ateísmo.

Bergson não teve esta preocupação, pois buscava a restauração da vida espiritual, embora seu texto seja fecundo, poético aberto descontínuo como é também a morada do ser. Nenhum crítico deixou de reconhecer em Bergson um espírito genial que abre o futuro para construção da metafísica como ciência do espírito uma metafísica que ele denominou de positiva.

A metafísica bergsoniana é antes de tudo uma fonte. Ela se constitui de três conceitos básicos; duração, intuição e elã vital.

A Evolução Criadora além de ser uma obra de Henri Bergson é uma ideia fruto da intuição que transbordou para territórios inesperados. A evolução em Bergson é um conceito inovador, que difere completamente do darwianismo. No evolucionismo não há criação e tudo emana da matéria. Em Bergson evolução não prescinde de criação, é nessa idéia original de evolução criadora que carrega como uma correnteza o discurso de encontro ao misticismo.

Nas Duas Fontes da Moral e da Religião, Bergson define sua ideia de Misticismo:

Implicitamente, admitíramos que o misticismo era raro ao defini-lo por sua relação com o impulso vital. Falaremos, pouco adiante, de sua significação e de seu valor. Limitemo-nos por ora a observar que ele se situa, segundo o que precede, num ponto até onde o fluxo espiritual lançado através da matéria teria provavelmente querido, até onde não pode ir. Porque ele zomba de obstáculos com os quais a natureza teve que conciliar, e por outro lado não se compreende a evolução da vida, com abstração das vias laterais pelas quais ela enveredou pela força, a menos que a vejamos à procura de algo inacessível a que o grande místico atinge. Se todos os homens, se muitos homens pudessem subir tão alto quanto esse homem privilegiado, não é na espécie humana que a natureza se teria detido, porque o místico é na realidade mais que homem. De resto, dir-se-ia o mesmo das demais formas de gênio: todas são igualmente raras. Não é, pois, por acaso, é em virtude de sua própria essência que o verdadeiro místico é excepcional (BERGSON, 1978, p. 176).



Para Bergson o impulso vital ou sua manifestação que é a evolução não tem um curso limitado, como pensa a metafísica materialista, o rio do impulso vital invade as laterais, inunda o imprevisível e inesperado, e é na contramão do esquematismo materialista racionalista onde a natureza é monótona e previsível que surge o místico, ele é “ribeirinho do rio do tempo”. Ele nem deveria existir para os limites do materialismo, onde tudo segue regras prévias, onde os fatos correspondem ao mundo tal como é. Mas o impulso vital envereda pelas laterais e fertiliza solos ressecados, fazendo brotar vida onde apenas se esperava morte.

Nessa sua intuição de evolução criadora, Bergson instaura o inesperado na vida, põe o ato de conhecer sempre a espera do novo e arrasta outra inesperada e inseparável ideia de vida. Para ele a vida é criada quando a consciência, ou um fluxo espiritual atravessa a matéria e a enche de indeterminação.

Esse impulso vital não é cego e irracional como pensava Schopenhauer, pois se ele é desejante, todos os sentidos lhe são aguçados, essa força que impulsiona a vida, possui (assim uma forma de super visão) onisciência, por isso talvez Schopenhauer pensou ser ele (ou ela) cego, já que a visão da “Vontade do Mundo” vai além da visão racional, o impulso vital está mais próximo do anima de Aristóteles, possui todos os sentidos, mais que isso, os sentidos são manifestações desse impulso, são suas direções e liberdade, sua explosão de força.

Nesse pulsar criador o real ou o criado, escapa à esfera do possível, o possível compreende uma visão racional, e o racional é apenas uma direção desse impulso que atualiza o inesperado e o impossível.

Dentro desse entendimento do impulso vital é que surge a possibilidade do místico, uma direção inesperada da vida e da consciência, o místico é um impossível que se realiza e depois o intelecto procura acomodá-lo já que sua realidade grita e incomoda nossos hábitos, nossa moral, nossos sentidos e nossa racionalidade.

Os limites de nosso entendimento desse impulso vital é muito bem analisado por Bergson:

Grande fluxo de energia criadora lança-se na matéria para obter dela o que pode. Na maior parte dos pontos ele se deteve; essas pausas se traduzem ao nosso ver por outros tantos aparecimentos de espécie vivas, isto é, organismos em que nosso olhar, essencialmente analítico e sintético, discrimina uma multidão de elementos que se coordenam para perfazer um sem número de funções; o trabalho de organização não era todavia senão a própria pausa, ato simples, análogo ao aprofundamento do pé que determina instantaneamente que milhares de grãos de areia se estendam para produzir



um desenho. Numa dessas linhas onde ela teria conseguido ir mais além, poder-se-ia acreditar que essa energia vital arrastaria o que tinha de melhor e continuaria diretamente à frente; ela, porém, desviou-se, e tudo se encurvou: surgiram seres cujas atividades giravam infinitamente no mesmo círculo, cujos órgãos eram instrumentos completos em vez de dar ensejo a uma invenção incessantemente renovada de instrumentos, cuja consciência deslizava no sonambulismo do instinto em vez de aprumar-se e identificar-se em o pensamento refletido (BERGSON, 1978, p. 173).

Estando muito mais adiante e mais veloz que nossos passos racionais, o místico está liberto das barreiras do intelecto, superando a causalidade e a possibilidade, pode enxergar a duração, livre dessa temporalidade mecânica, dos limites espaciais pode voar nas asas da criação:

Uma alma capaz e digna desse esforço nem mesmo indagaria se o princípio com o qual se mantém agora em contato é a causa transcendente de todas as coisas ou não se passa de sua delegação terrestre. Bastar-lhe-ia sentir que ela se deixa penetrar, sem que sua personalidade nele se absorva, por um ser que pode imensamente mais que ela, como o ferro pelo fogo que o incandescer. Seu apego à vida seria daí por diante sua inseparabilidade desse princípio, gozo no gozo, amor do que é só amor. Ela se daria à sociedade por acréscimo, mas a uma sociedade que fosse então a humanidade inteira, amada no amor do que lhe é o princípio. A confiança que a religião estática trouxe ao homem nela se acharia transfigurada: não mais preocupação quanto ao futuro; não mais retorno inquieto sobre si mesmo; o objeto não mais lhe valeria a pena, assumiria moralmente uma significação muito alta (BERGSON, 1978, p. 155).

Essa espécie de consciência, esse tipo de bicho, o místico, não vê todas as coisas da inteligência, ele não pode resolver o que só a inteligência resolve, suas máquinas e engenharias. O místico através da intuição pode ver apenas um objeto, mas esse objeto a inteligência está despreparada para enxergar, o místico vê apenas a vida:

Por um aspecto, entretanto, essas transformações apresentavam em si mesmas, e não apenas em sua tradução conceitual, alguma coisa de comum. Todos queriam abrir o que estava fechado; o grupo, que desde a precedente abertura se dobrava sobre si mesmo, era sempre reconduzido à humanidade. Sigamos mais além: esses esforços sucessivos não eram precisamente a realização progressiva de um ideal, dado que nenhuma idéia, forjada por antecipação, podia representar um conjunto de aquisições, cada uma das quais, ao se criar, criava sua própria idéia; e, no entanto, a diversidade dos esforços se resumiria bem em alguma coisa única: um impulso, que dera sociedades fechadas porque não mais podia arrastar a matéria, mas que vai em seguida procurar e retomar, na falta da espécie, esta ou aquela



individualidade privilegiada. Esse impulso continua assim, por intermédio de certos homens, cada um dos quais se verifica constituir uma espécie composta de um só indivíduo. Se o indivíduo tem plena consciência disso, se a franja de intuição que envolve sua inteligência se amplia o suficiente para aplicar-se a todo o seu objeto, é a vida mística (BERGSON, 1978, p. 123).

Tal como Paulo que se disse morto, pois nele era o Espírito Santo que falava, o místico sabe que é atravessado por uma força maior que ele em sua personalidade. E enquanto a inteligência liga-se a objetos, mata-se pelos objetos, para a mística só há um objeto: a vida.

### **Os dois tipos de religião**

O filósofo Bergson apresenta duas Formas de moral e duas de religião: a moral aberta e a moral fechada, a religião estática e a religião dinâmica. A moral fechada está cristalizada nas normas sociais de conduta: o certo e o errado, o permitido e o proibido, o vício e a virtude. A moral fechada, como expressa a denominação, fecha-se em normas rígidas e absolutas.

A moral aberta reconhece os valores existentes, mas recusa-se a dogmatizá-los. A moral, como a vida, é mutável, e como o espírito, busca ascensão contínua. O mesmo ocorre com as religiões. A religião estática fixou-se em cânones absolutos, presa ao interesse da tribo ou grupo. A religião dinâmica, ou aberta, que denomino de misticismo, vive da criação imanente do espírito humano. Os santos e heróis que impulsionam a humanidade praticam a moral aberta e o misticismo.

Mesmo que a sociedade seja constituída de vontades livres, isto é, que o homem preserve o livre arbítrio, transforma o hábito em algo semelhante ao que a necessidade representa para aqueles organismos que agem por instinto.

O sistema de hábitos pressiona a vontade de cada um dos membros da sociedade, de modo que, acabam por fazer com que esta última (a vontade) imite comportamento plenamente instintivos, como o das abelhas, organizadas, funcionais, mas sem experimentar a liberdade. O impulso vital não anda em trilhos, mas é como água ladeira abaixo, busca seu desafio em liberdade.

A religião estática confunde Deus e os interesses do Estado, nela Deus entra em guerra a favor de determinada causa humana ou em benefício de determinado povo. Produzida pela função fabuladora, essa religião fechada, ou apenas Religião que tem a função de produzir



uma liga entre os indivíduos de um povo, e formar uma massa organizada que sobrevive. Vista dessa forma, a religião cumpre uma finalidade análoga à da sociedade no que concerne à coesão dos indivíduos, e ela se situa, por isso, num nível natural.

Trata-se de uma organização fechada de costumes, normas, símbolos e rituais destinados a sustentar a integridade do grupo, por via da comunidade de crenças geradoras de comportamentos. É, ainda, a intenção da natureza que prevalece no interesse da manutenção da Vida numa escala maior do que a individualidade. Nesse sentido, as obrigações morais socialmente instituídas e a instituição das religiões cumprem funções análogas e complementares.

Essa religião cumpre o papel de ajudar o indivíduo a sair de si e integrar-se ao grupo, ela transforma-o em um animal gregário. Isto denuncia uma franja de instinto que ainda guarda a inteligência, mas há nela também uma franja de intuição, pois se a inteligência é uma das direções que o impulso vital segue em seu fluxo criador, a intuição é o transbordamento, e é esse transbordamento, essa franja de intuição, que abrirá o homem para fora do grupo em direção à vida como um todo. Aí acontece o misticismo.

Bergson considera o místico o mais elevado ideal da religião dinâmica. Nesse ponto, bastam os exemplos de Francisco de Assis e o arrebatamento poético de Santa Tereza de Ávila. Superando qualquer limite de religião o místico liga-se com a energia criadora. O místico ultrapassa toda forma de religião, ele viaja da liturgia ao êxtase. Das normas sagradas para a ação transvalorizadora oscilam os parâmetros de nossa cultura.

O místico goza da liberdade plena do espírito, não defende causa humana ou povo oprimido, ele ama a humanidade por inteiro, liberto de fronteiras, sua ação é renovadora, tanto na religião como na moral.

O filósofo da vida e do espírito lembra-nos que a pedra já foi um dia magma; que o texto divino também depende do sopro do homem; que os dogmas já foram uma época a coragem humana de transformação da verdade. Bergson alerta contra os perigos de se interpor entre nossos olhos e o mundo a palavra petrificada que perdeu a força. As duas fontes da moral e da religião são as duas escolhas que definem o destino de uma cultura.

O misticismo estabelece a mais profunda experiência humana pessoal e social, ele fundamenta a ação não numa norma ou em qualquer imperativo racional, mas na liberdade de escolha que brota de um estremecimento afetivo da alma, que alcança um amor por toda a criação. Então Religião é um organismo social e político que mescla inteligência e instinto





visando à sobrevivência, e misticismo é esse amor voltado ao universo inteiro, ele ultrapassa as religiões, as etnias, as culturas, grupos e limites históricos, misticismo pulsa em duração.

### **Impulso criador**

Pensamos que Bergson foi arrastado pelo impulso criador da ideia de Evolução criadora para o estudo do misticismo. Por isso entendo que meus estudos em Filosofia Educação e a ideia de Pedagogia da Duração defendida no doutoramento na FACED-UFBA levou-me à Difusão do Conhecimento.

Isso se deu na própria Instituição, pois foi no útero da Faced que foi gestado o Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, idealizado pelo professor Dante Galeffi dentro da FACED. Então parece que Difusão do Conhecimento é uma Evolução Criadora da Educação.

Esses acontecimentos não se ligam por uma causalidade necessária, mas por um fluxo criador. Pela experiência de liberdade.

A Educação é uma atividade ligada à inteligência, mas guarda uma franja de instintualidade. A Educação está vinculada à sobrevivência, a conservações, grupos, etnias e classes, ela tal qual a Religião abre o indivíduo para o grupo. Mas a Difusão do Conhecimento respira em maior liberdade, parece visar à humanidade por inteiro, o cosmo, o universo. O conhecimento como impulso criador.

Afinal se as idéias nos arrastam para outras e nossa mentalidade nos movimenta em ações nesse mundo biônico discêntrico e multifacetário, é por que inevitavelmente o Pensamento é o Movente.

Esse impulso criador, esse fogo dos Deuses, foi pedagogizado na Educação. O conhecimento pedagógico e didático submeteu sua liberdade criadora à disciplinarização e as grades curriculares.

Há um esforço de dentro da Pedagogia para soltar essas amarras, fala-se muito em transdisciplinaridade e interdisciplinaridade, mas a Educação não pode fugir a seu destino formador, à franja instintual de seu caráter de subsistência e socialização. Por isso entendemos a partir da nossa esfera de análise, que a Educação guarda em seu caráter evolutivo um destino trágico e conservador. Ela atua na legalidade racional e consciente e perdeu





definitivamente seus vínculos com o impulso criador do conhecimento, então sua evolução se dá ultrapassando seus limites educacionais na Difusão do Conhecimento.

Já na estrutura do nome Difusão do Conhecimento indica mobilidade, expansão, liberdade. O Conhecimento pode ser difundido conscientemente através da Educação, inconscientemente através dos objetos físicos e culturais no cotidiano, mas a Difusão do Conhecimento como estudo supera essas esferas e alcança o Conhecimento como impulso criador.

Nesse sentido, a metafísica de Henri Bergson é difusora do conhecimento, pois possibilita a todas as pessoas intuïrem, participarem do conhecimento enquanto duração. Sobre a possibilidade de qualquer pessoa intuir, travei com o professor Dante Galeffi duras discussões, desde a minha defesa de tese de doutoramento, mas agora parece que resolvi a questão com o auxílio de Bergson. Ao construir um método intuitivo e estabelecer regras para esse método, Bergson facilitou a difusão do conhecimento dinâmico e místico.

Primeira regra: veracidade e falsidade dos problemas. Trata-se do poder de constituir os próprios problemas, de bem apresentar os problemas, o que significa inventá-los, criar os seus termos. E se o problema é bem apresentado, embora ele possa ainda permanecer encoberto, ele encerra em si sua solução, que cedo ou tarde virá.

A solução virá em função dos termos de que se dispõe para apresentá-lo, das condições sob as quais é engendrado. Mas com base em que se poderia definir um problema como verdadeiro ou como falso, aplicar o critério do verdadeiro e do falso à própria atividade de apresentação de problemas, dar valor lógico às perguntas. Bergson define dois tipos de falsos problemas: os inexistentes e os mal apresentados. O não-ser, a desordem e o possível, por exemplo, são problemas inexistentes. São problemas inexistentes porque são formas de negação daquilo que é a própria verdade, ou seja, o ser, a ordem e o existente.

Tomemos a ideia de não-ser como exemplo. A ideia de não-ser é a soma da ideia prévia de ser, da operação lógica de negação generalizada e do motivo de tal operação, qual seja, quando um ser não nos convém e o apreendemos apenas como ausência daquilo que nos interessa.

Quando perguntamos pelo não-ser, estamos numa ilusão fundamental: pressupomos a existência do não-ser em relação ao ser, como se este viesse apenas preencher o vazio. É o que Bergson chama de “movimento retrógrado do verdadeiro”, que leva a supor que o ser



preceda a si mesmo, preceda ao ato de sua própria criação, retroprojetando uma imagem de si mesmo num não-ser supostamente primordial.

O outro tipo de falso problema se refere aos mistos mal analisados, quando se juntam arbitrariamente coisas que diferem por natureza. O próprio conceito geral de Ser é um misto mal analisado, pois em vez de apreendermos as diferentes realidades que se substituem umas às outras, nós confundimos tudo na homogeneidade do Ser e a partir disso permitimos que surja a idéia de não-ser.

Em suma, os falsos problemas, dos dois tipos, têm início no momento em que se negligenciam as diferenças de natureza: a ideia de não-ser nasce de uma idéia geral de Ser como misto mal analisado. Tal seria a ilusão do pensamento, tanto científico quanto metafísico, ou seja, ver diferenças de grau (por exemplo, o não-ser que aparece ora como mais ora como menos que o ser) quando há diferenças de natureza. Há de se verificar quanto estamos mergulhados nessa ilusão, que é inseparável de nossa condição, quanto essa ilusão é inevitável.

É contra ela justamente que Bergson vem suscitar a intuição, que vai reencontrar as diferenças de natureza que estão sob as diferenças de grau, comunicando, além disso, à inteligência os critérios para distinguir os verdadeiros e os falsos problemas.

Segunda regra: reencontrar as articulações do real. Aqui se trata de lutar contra a ilusão de ver diferenças de grau onde há diferenças de natureza. Para isso, deve-se dividir um misto qualquer segundo suas articulações naturais, ou melhor, segundo seus elementos que diferem por natureza.

Trata-se de buscar nas misturas propiciadas pela experiência aquilo que elas têm de puro, quer dizer, ao ultrapassar a experiência em direção às condições dessa experiência real, dividindo-a em puras presenças, encontrar-se-á o que difere por natureza ou, em uma palavra, suas tendências.

Por exemplo, lembrança e percepção se encontram tão misturadas em nós que não sabemos reconhecer o que cabe a uma e o que cabe à outra a não ser como diferenças de grau, e não somos capazes de distinguir na representação as presenças puras da matéria e da memória.

A intuição como método propõe distinguir, isto é, dividir o misto de acordo com suas tendências que diferem por natureza.



Ora, essa tarefa indica que é necessário ir além da experiência real em que a condição humana nos obriga a viver. Bergson aponta a necessidade de “buscar a experiência em sua fonte, ou melhor, acima dessa viravolta decisiva, na qual, inflectindo-se no sentido de nossa utilidade, ela se torna propriamente experiência humana”.

Esse ultrapassamento, no entanto, não consiste em ir na direção de conceitos gerais e abstratos, mas em encontrar as articulações das quais as particularidades da experiência real dependem. E se se podem ali encontrar conceitos, estes serão talhados sobre a própria coisa, convindo somente a ela e não sendo mais amplo do que aquilo de que ele deve dar conta.

Deleuze (1999) vê nessa desarticulação do real em vista de suas diferenças de natureza a constituição de um empirismo superior, que será complementado por um movimento no sentido inverso, agora de convergência entre as linhas, de reintegração após a diferenciação até o ponto virtual para o qual as linhas convergem (imagem virtual do ponto de partida, situada também além da viravolta da experiência), tornando-nos aptos, através de um probabilismo superior, a resolver os problemas, relacionar a condição ao condicionado, sem que subsista então qualquer distância entre eles. E assim o problema, tendo sido bem apresentado, tende a resolver-se por si mesmo.

Terceira regra: a intuição supõe a duração. A intuição consiste em pensar em termos de duração porque somente nela se encontra o poder de variar qualitativamente em relação a si mesma, de ser portadora das diferenças de natureza.

Quando dividimos uma coisa em suas articulações naturais, por exemplo, um pedaço de açúcar temos de um lado o espaço, que somente nos dá diferenças de grau entre esse pedaço de açúcar e qualquer outra coisa, e de outro lado temos a duração, um modo de ser no tempo, que se revela quando o açúcar se dissolve, quando observamos que ele difere por natureza de si mesmo mas também das outras coisas.

Desse modo, é na duração que se dão as diferenças de natureza (alteração), melhor, ela é a multiplicidade das diferenças, enquanto que o espaço não é mais que o lugar e o conjunto das diferenças de grau (aumento e diminuição).

A intuição é o movimento por meio do qual saímos de nossa própria duração para afirmarmos ou reconhecermos imediatamente a existência de outras durações ou de diferenças de natureza. Apenas por meio dela somos capazes de apresentar os verdadeiros problemas e de nos livrar da ilusão propiciada pelos mistos que se apresentam como diferenças de grau na nossa experiência primeira do mundo, isto é, na matéria e na extensão.



Às essas regras reunidas por Deleuze em seu livro *Bergsonismo* acrescento essas: 1- saber distinguir o vivo do construído. O construído parte da periferia para o centro e o vivo parte do centro para a periferia. 2- Saber que a intuição cavalga as ideias.

Essa regra mostra que apesar de qualquer pessoa poder intuir, bastando usar as regras de Bergson, todas terão graus diferentes de intuição a depender da profundidade das ideias que carregue.

Apenas o místico foge à essa segunda regra, pois sendo ele um animal diferente do homem, ele entra em contato com o fluxo criador independente das idéias que carregue, mas o místico é um acontecimento da evolução criadora, ele é um animal de outra espécie. As regras bergsonianas se aplicam aos homens.

Deleuze faz a seguinte observação na introdução de *A Concepção da Diferença*:

A noção de diferença deve lançar uma certa luz sobre a filosofia de Bergson, mas, inversamente, o bergsonismo deve trazer a maior contribuição para uma filosofia da diferença. Uma tal filosofia opera sempre sobre dois planos, metodológico e ontológico. De um lado, trata-se de determinar as diferenças de natureza entre as coisas: é somente assim que se poderá “retornar” às próprias coisas, dar conta delas sem reduzi-las a outra coisa, apreendê-las em seu ser. Mas, por outro lado, se o ser das coisas está de um certo modo em suas diferenças de natureza, podemos esperar que a própria diferença seja alguma coisa, que ela tenha uma natureza, que ela nos confiará enfim o Ser. Esses dois problemas, metodológico e ontológico, remetem-se perpetuamente um ao outro: o problema das diferenças de natureza e o da natureza da diferença. Em Bergson, nós os reencontramos em seu liame, nós surpreendemos a passagem de um ao outro (DELEUZE, 1999, p.2).

Aqui então seguindo os passos de Bergson procuro verificar a diferença entre misticismo e Religião, entre místico e humano, entre Educação e Difusão, mas por certo apenas lanço uma brisa, apenas adejo problema tão profundo e inquietante.

Mas como a diferença nos possibilita retornar às próprias coisas, vamos passar pela diferença dos misticismos. Bergson tinha uma preferência pelo misticismo cristão, pois considerar os outros misticismos incompletos.

Segundo Bergson o misticismo grego é aquele que se deteve no êxtase. Este estado de contemplação mexe com as profundezas da alma e a retira de seu estado de acomodação fazendo-a atingir a consciência. É o êxtase que faz com que a alma experimente, ou concede a ela a ilusão de experimentar a presença de Deus. Quando o êxtase termina, a alma se acha sozinha e às vezes desolada. Para que o misticismo grego fosse considerado pleno ele teria



que ir além da contemplação, o que não aconteceu porque os gregos permaneceram fiéis ao intelectualismo.

Outro misticismo é o oriental, aqui também se deu no êxtase. O misticismo oriental conseguiu ir além do misticismo grego, mas o impulso ainda foi insuficiente. A caridade existiu, mas não se deu como a doação necessária. Era recomendada em tons de elevação, como um meio de alcançar benefícios divinos. O bramanismo dizia que a renúncia levaria a uma libertação, que consistia em deixar-se absorver no todo como em si mesmo.

Com o advento do budismo, a nova doutrina adquiriu mais sabedoria e misticidade. Os ensinamentos de Buda levavam ao nirvana, ao nada querer, onde o desejo é suprimido durante a vida.

O budismo é um misticismo na medida em que sua experiência possui semelhança com o êxtase, onde a alma se identifica com o impulso criador e só teria falhado por desprender-se da vida humana sem alcançar a vida divina. Ao budismo faltou conforme Bergson, uma crença “na eficácia da ação humana”.

Assim o misticismo cristão é considerado completo porque é formado por “ação, criação e amor.” Os místicos cristãos superam suas limitações humanas e possuem uma grande evolução interior onde suas ações demonstram um comprometimento e amor por toda a humanidade, libertando-se de qualquer limite étnico, cultural ou histórico.

Essas diferenças são apenas um esforço de compreensão, pois se o misticismo não é religião, ou seria religião aberta, torna-se um contra-senso dizer misticismo cristão ou grego. Misticismo é um transbordar do impulso criador, uma liberdade, um voar nas asas do tempo, uma evolução que se realiza em multiplicidade, alteração e diferença.

### **A Liga da Difusão do Conhecimento**

Inteligência e Intuição constituem diferentes formas de conhecimento. A inteligência levou o homem a “gemer sob o peso do progresso que construiu”, Bergson alcançou o extremo desenvolvimento da racionalidade, da técnica e da ciência. Mas, a intuição que é o único caminho para perceber a duração, a dinâmica da vida e o sagrado, e deveria ser o método da Filosofia, está cada vez mais esquecida.



Com o advento do DMMDC - Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, UFBA, UNEB, IFBA, UEFS, como em Bergson lá buscamos uma nova forma de conhecer que não seja a dicotomia, a escolha entre dois pontos. Vislumbramos uma nova possibilidade epistemológica que vivencie a cooperação entre inteligência e intuição, um agir científico e místico colaborando na difusão do conhecimento.

Por muito tempo foi visto o misticismo como anti-ciência, e ciência algo contrário ao intangível e sagrado. Mas, a totalidade do ser humano está na união de inteligência e intuição sem excluir. Exemplo; a língua, móvel e diversa dos dentes, no entanto, vivem juntos na boca, às vezes mordemos a língua, mas nem por isso quebramos os dentes ou arrancamos a língua, é preciso cooperação, solidariedade de dentes e línguas não só para nos alimentamos, mas, para falar e cantar.

A percepção é fundamental no processo do conhecimento, mas a inteligência está voltada para o espaço, para a exterioridade ou como queria Bergson para a multiplicidade descontínua, mas quando nos voltamos para a interioridade então a descontinuidade vai sumindo, as coisas vão derretendo como um quadro de Salvador Dali e chegamos á multiplicidade contínua. Na homogeneidade do espaço descontínuo que é domínio da inteligência, não se pode compreender a heterogeneidade contínua da duração e da interioridade, mas é esse sujeito heterogêneo que caminha nesse mundo homogêneo, e é urgente juntar essas percepções.

Nada é puro nesse mundo, nunca encontramos uma religião totalmente fechada, uma ação puramente inteligente ou um misticismo desprovido de inteligência, afinal a intuição cavalga as ideias, então o DMMDC está despertando essa franja de intuição adormecida dentro da ciência, não descartamos a inteligência nem a técnica, muito pelo contrário nosso trabalho é cortar com a inteligência e cozer com a intuição o traje da festa do conhecimento para uma epistemologia integral que transforme o espaço do conhecimento em um lugar de vida.

Em filosofia contemporânea, sempre se ouve que o homem da técnica se afastou do ser. Podemos dizer que essa tecnologia das máquinas nos afasta da vida e de nós da nossa vida interior, mas a tecnologia de que falo não é aquela que constrói máquinas para andar sob o mar ou nos fazer voar como pássaros ou aumentar nossa potencia visual para que possamos ver o micro ou as estrelas mais distantes, o problema são as tecnologias para lidar com a vida, com nós mesmos, com os outros.



Num mundo social agressivo, inventamos tecnologias para sobreviver, protocolos de comportamentos substituem o amor, a alegria e a vida, falas com certa cadencia para atendimentos e vendas, enfim jogos. Não somos mais livres para amar, para tocar, para atravessar uma rua para meditar numa praça. Para tudo tem uma tecnologia, como tratar o pai, a mãe, os filhos, o professor, tudo é recheado de tecnologias de conveniência. A tecnologia de comportamento, a burocracia de afetos nos afasta do ser da afetividade.

O misticismo que propusemos mais que uma divinização é o pensamento que, através da interiorização possamos resgatar nossa espontaneidade a principal característica do místico é a liberdade, só se ama em liberdade.

Queremos falar da experiência mística encarada no que ela tem de imediato, isenta de qualquer interpretação. Os verdadeiros místicos simplesmente se abrem à vaga que os invade. Seguros de si mesmos, porque sentem em si algo de melhor que eles revelam-se grandes homens de ação, para surpresa daqueles para quem o misticismo não passa de visão, transporte, êxtase. O que eles deixaram escoar no interior de si mesmo é um fluxo descendente que desejava atingir os outros homens através deles: a necessidade de espalhar em volta deles o que receberam eles sentem como ímpeto de amor. Amor ao qual cada um deles imprime a marca de sua personalidade. Amor que é então em cada um deles um sentimento inteiramente novo, capaz de transpor a vida humana para outra tonalidade. Amor que faz com que cada um deles seja amado assim por si mesmo, e que por ele, para ele, outros homens deixarão sua alma se abrir ao amor da humanidade (BERGSON, 1978, p. 79).

O misticismo é sempre sujeito à varias interpretações quase sempre com forte sotaque moral que desvirtua o seu sentido maior. Ele é antes de tudo uma ação e não visões reveladoras, consiste mais em um retardo do que um avanço no tempo. O misticismo não é direcionado para os outros homens visando um ensinamento, uma educação, um exemplo de amor que contamina pelo contágio. Neste plano, os verdadeiros místicos difundem o novo capaz de superar os hábitos humanos em seus preconceitos e crenças para outras tonalidades de dimensões mais livres e avassaladoras de amor.

Bergson explica a relação de passado e presente:

É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante





matemático. Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração [...] e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção do futuro que ele mostraria. (BERGSON, 2006. p. 161)

O retardo no tempo que o místico realiza é sua viravolta na perspectiva do tempo espacializado que vivemos, ao buscar o eu interior o místico se identifica com a duração, a temporalidade real, lugar onde a memória estica o passado para o presente com tamanha vitalidade que se pode criar futuro, por isso o místico é um homem de ação, ele cria futuro, ele estabelece o novo na esfera do real, sua vida entra no jogo de sua verdade, seu amor rompe as barreiras do hábito e do instinto. O místico freia a pressa avassaladora do tempo espacializado, que constrói sem parar, num duplo frenesi que vai da periferia para o centro, planejando e construindo o progresso, mas o místico voa nas asas da intuição em sentido contrário, do centro para a periferia, criando junto a vida em desapego, em doação no pulsar do amor.

As Sem - Razões do Amor

Carlos Drummond de Andrade

Eu te amo porque te amo.  
Não precisas ser amante,  
E nem sempre sabes sê-lo.  
Eu te amo porque te amo.  
Amor é estado de graça  
E com amor não se paga.  
Amor é dado de graça  
É semeado no vento,  
Na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
E a regulamentos vários.  
Eu te amo porque não amo  
Bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
Não se conjuga nem se ama.  
Porque amor é amor a nada,  
Feliz e forte em si mesmo.  
Amor é primo da morte,  
E da morte vencedor,  
Por mais que o matem (e matam)  
A cada instante de amor.



Uma práxis pedagógica que busque replicar os místicos, na medida do possível, talvez modifique a qualidade da educação com uma mudança de mentalidade. O misticismo na aprendizagem é imitação, não tentar ser igual ao místico, pois o exemplo dado é que ele consegue ser ele mesmo e é isto que se deve imitar, essa atitude de se ser o que se é, singular para que nos tornemos mais firmes, evidentemente que abandonando superfícies, buscando o eu profundo podemos quebrar uma corrente que nos oprime, afinal somos nosso maior perigo. Aprender pelo misticismo é aprender pelo exemplo e pela imitação e não por adestramento

Na superficialidade, com adereços e alegorias de novidades só se faz o mesmo berrar e gritar que são os outros os opressores, e aumentar legiões, que portam reivindicações e bandeiras contra isso ou aquilo, ou por inclusões, cotas entre tantas, que em nada modifica o movimento de alteração na educação. Assim, em lugar de uma Pedagogia do Oprimido defendemos uma Pedagogia da Duração, onde o fluir da vida pode ser apreendido pela intuição e a educação é desapego.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**, tradução: Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **Metéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Tópicos)

DELEUZE, Gilles. **A Conceção da Diferença em Bergson**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/55397286/A-concepcao-da-diferenca-em-Bergson-Gilles-Deleuze>>.

\_\_\_\_\_. **O Bergsonismo**, trad. Orlandi Luiz. B.L, São Paulo: ed. 34 Ltda, 1999.

VIEILLARD - BARON, Jean-Louis **Para Compreender Bergson**, trad. Mariana de Almeida Campos, Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

TORREÃO, Rita Célia Magalhães. **Nas Asas da Borboleta Filosofia de Bergson e Educação**, Salvador: Edufba, 2012.